



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Instituto de Ciências Humanas e Sociais

Licenciatura em História

Monografia

**AS OCORRÊNCIAS ENDÊMICAS DE PESTE NOS ESCRITOS DE IBN AL-ATHIR
E BAHA AL-DIN IBN SHADDAD NOS SÉCULOS XI E XII.**

Isabella Giovana Godoy de Sousa

Mariana - MG

2025

Isabella Giovana Godoy de Sousa

**AS OCORRÊNCIAS ENDÊMICAS DE PESTE NOS ESCRITOS DE IBN AL-ATHIR
E BAHA AL-DIN IBN SHADDAD NOS SÉCULOS XI E XII.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como requisito à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Salles

Mariana - MG

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S725o Sousa, Isabella Giovana Godoy de.
As ocorrências endêmicas de peste nos escritos de Ibn Al-Athir e
Baha Al-Din Ibn Shaddad nos séculos XI e XII. [manuscrito] / Isabella
Giovana Godoy de Sousa. - 2025.
35 f.: il.: color., tab., mapa.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Tadeu Salles.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Peste. 2. Idade Média - Historiografia. 3. Miasma. I. Salles, Bruno
Tadeu. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 616.9(091)

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabella Giovana Godoy de Sousa

As Ocorrências Endêmicas de Peste nos Escritos de Ibn Al-Athir e Baha Al-Din Ibn Shaddad nos séculos XI e XII

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História

Aprovada em 16 de abril de 2025

Membros da banca

Prof. Dr. Bruno Tadeu Salles - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. M. Ariel Estevam Ferreira - (Universidade de Lisboa)
Prof. M. José Francisco Fonseca (Universidade de São Paulo)

O Prof. Dr. Bruno Tadeu Salles, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/05/2025



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Tadeu Salles, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/05/2025, às 18:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0908037** e o código CRC **3F3C392D**.

RESUMO

Com o avanço das tecnologias e métodos de pesquisa, novas descobertas acerca da doença mais temível durante todo o início dos tempos modernos, a Peste Bubônica, foram feitas. Passando de teorias de castigos divinos e outras sem base científica, como a teoria miasmática, para pesquisas pleiteadas em estudo genético de DNA antigo e medieval, a historiografia já escrita da doença mostrou-se incompatível com as novas informações. Com base nessa percepção, desenvolvemos este trabalho, com o objetivo de investigar as novas teorias e estudos na área. Monica H. Green, historiadora americana especialista em doenças infecciosas, nos aponta que a peste já circulava no Mediterrâneo no século XII. Com isso, temos que o processo epidemiológico da doença se deu anteriormente ao século XIV, indo de contrapartida ao que a narrativa já escrita da Peste aponta. As obras selecionadas para análise e comprovação da teoria proposta por Green do processo epidemiológico de peste ter tido seu início anterior ao século XIV foram as crônicas de Ibn Al-Athir e Baha Al-Din Ibn Shaddad.

Palavras-chave: peste bubônica; Eurásia; historiografia medieval; medievo.

ABSTRACT

With the advance of technology and research methods, new discoveries have been made about the most fearsome disease of the early modern period, the Bubonic Plague. Moving from theories of divine punishment and others with no scientific basis, such as the miasmatic theory, to research based on the genetic study of ancient and medieval DNA, the historiography already written about the disease proved to be incompatible with the new information. Based on this perception, we developed this work, with the aim of investigating the new theories and studies in the area. Monica H. Green, an American historian specializing in infectious diseases, points out that the plague was already circulating in the Mediterranean in the 12th century. This means that the epidemiological process of the disease took place before the 14th century, which is contrary to what the written narrative of the Plague points out. The works selected to analyze and prove Green's theory that the epidemiological process of the plague began before the 14th century were the chronicles of Ibn Al-Athir and Baha Al-Din Ibn Shaddad.

Keywords: bubonic plague; Eurasia; medieval historiography; medieval times.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Ciclo de vida da bactéria <i>Yersinia pestis</i>	12
Imagem 2 – Fotografia aérea do túmulo no cemitério de Aschheim	13
Imagem 3 – Árvore de máxima verossimilhança (filogenética)	14
Imagem 4 – Legenda explicativa da árvore filogenética	15
Imagem 5 – Representação artística de um médico da peste	19
Imagem 6 – Mapa do Quirguistão e da região montanhosa de Tian Shan	21
Imagem 7 – Canato Qara Khitai	22
Imagem 8 – Rios Tigre e Eufrates em mapa atual	23
Imagem 9 – Localização da cidade de Tabriz em mapa atual	25
Imagem 10 – Mapa da Horda Dourada no século XIII	25
Imagem 11 – Ficha comum: menção à peste bubônica (Egito, 1142-1143)	29
Imagem 12 – Ficha analítica: menção a fome em Khurasan (1137-1138)	30
Imagem 13 – Ficha analítica: menção à disenteria em Damasco (1226-1227)	30
Imagem 14 – Ficha analítica: menção a terremoto em Nishapur (1208-1209)	31
Imagem 15 – Ficha comum: menção à peste em Cologne (1146)	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: O MEDIEVO.....	9
2	A PESTE.....	11
3	HISTORIOGRAFIA CLÁSSICA DA PESTE.....	18
4	NOVOS ESTUDOS SOBRE A PESTE.....	20
5	AS OBRAS DE IBN AL-ATHIR E BAHA AL-DIN IBN SHADDAD.....	27
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
7	REFERÊNCIAS.....	34

1. INTRODUÇÃO: O MEDIEVO

A Idade Média nos possibilita uma infinidade de estudos na área por se tratar de uma época longa, complexa e curiosa. Ao longo de seus dez séculos, entre o final da Antiguidade e o início da Era Moderna, houve muitas mudanças e reorganizações sociais, sendo exemplos, a expansão da Cristandade e a expansão de novas rotas comerciais, como a Rota da Seda. Foi palco também de diversas disputas territoriais e de poder, tais como as disputas entre francos e árabes, as Cruzadas, e os inúmeros ataques do Império Mongol na Ásia e Europa. Sendo assim, podemos dizer que o Medieval foi um período com uma grande movimentação de pessoas, mercadorias e conhecimentos, especialmente na Europa, Ásia e África. Nesse sentido, podemos mencionar algumas obras que tratam sobre os exemplos citados, como o livro do prof. dr. Marcelo Cândido da Silva, intitulado “História Medieval” que nos apresenta um grande resumo da Era, suas individualidades e particularidades de suas instituições, tais como a Igreja. Uma outra obra de importância também para o trabalho foi a obra “The Jews and The Crusaders” de Shlomo Eidelberg, onde foi possível o estudo sobre as Cruzadas, mais especificamente, sobre o papel dos judeus durante os eventos. E não menos importante, as crônicas de Ibn Al-Athir e Baha Al-Din Ibn Shaddad, os principais objetos de estudo deste trabalho, possibilitando não só a busca de menções à peste, mas também o estudo de disputas que ocorriam na época dos escritos, como os diversos embates entre francos e árabes e as famosas investidas mongóis.

Apesar de se tratar de uma época importante e de diversas mudanças como já citado, a Idade Média carrega o peso de um senso comum sobre si repleto de mitos negativos, criados majoritariamente por renascentistas e reforçados por intelectuais do Iluminismo. Esses intelectuais que tinham como objetivo a exaltação do movimento renascentista e a tentativa de retomada da tradição clássica, ou greco romana, proposta pelo movimento, foram os responsáveis pela criação do senso comum mítico em cima da Era, por meio de acusações e argumentos de que a Idade Média havia interrompido a tradição clássica grega. No trecho a seguir de Jérôme Baschet (2004), podemos confirmar esse argumento:

[...] pode-se sublinhar que o tema dos terrores do ano mil é essencialmente um mito historiográfico forjado no século XVII, aperfeiçoado pelo Iluminismo para melhor encobrir a Idade Média em um véu de obscurantismo poeirento e de superstições ridículas[...] (BASCHET, 2004, p. 98).

Em seu texto “Idade Média” disponível no “Dicionário Temático do Ocidente Medieval - volume 1” Christian Amalvi argumenta que a desvalorização da Idade Média foi consequência de um duplo fenômeno cultural e religioso. Segundo Amalvi (2002, p. 537) essa desvalorização “resulta da vontade manifesta dos humanistas italianos, desde o século XIV, de retomar às fontes da Antiguidade Clássica em sua pureza e autenticidades filológicas”. Considerada por muitos como uma sombria e interminável noite, que os raios de sol da Era Moderna a dissiparam, a Idade Média foi considerada durante muitos séculos como um período de decadência cultural, intelectual e artística, argumenta o autor - e muitos outros quando tratam-se desse período -. Voltaire (1756) em sua obra “Ensaio Sobre os Costumes” comemora “a vitória das luzes sobre o obscurantismo clerical, e o triunfo de uma sociedade refinada sobre a barbárie dos séculos de ferro¹”.

Entretanto, as afirmações irreais e cruéis a respeito da Era, citadas acima, foram perdendo forças ao longo dos anos, a partir de novas descobertas pelos historiadores. Sabe-se hoje que as influências das tradições e instituições romanas não cessaram com a deposição do último imperador romano do Ocidente, Rômulo Augústulo, em 476, ano considerado por muitos como o início da Idade Média. Também, a alegação de que os povos bárbaros destruíram e atacaram as civilizações através da conquista do Império na verdade não é totalmente correta. Na verdade, os bárbaros foram aos poucos se integrando com o mundo romano, por meio de ataques violentos sim, mas também através de acordos com o Império. Os bárbaros se mesclaram tanto com o mundo romano que arqueólogos apontam ser extremamente difícil distingui-los dos romanos, principalmente a partir do século VI (MCDA SILVA, 2019, p. 15).

Retomando a Idade Média, é quase impossível lembrarmos da época sem lembrarmos da grande epidemia de Peste Bubônica. Isso porque foi uma das maiores epidemias já registradas, sendo o número de óbitos, aproximadamente, 50 milhões de pessoas somente na Europa. Já na Ásia, mais especificamente na China no período das dinastias Song e Ming, entre cerca de 1210 a 1290, a perda populacional foi de 40%, segundo R. Hymes (2022) e MH Green (2022). Observando esse último dado mencionado, se outras regiões também sofreram com a doença tanto quanto a Europa, por que então o grande foco principal quando trata-se da peste sempre é voltado ao continente europeu? Essa é uma questão que também buscamos tratar neste trabalho mais adiante.

¹ Trecho disponível na obra: Amalvi, C. p. 538.

Retomando à Grande Peste, grande parte de sua historiografia apresenta o início de seu processo epidemiológico no século XIV. Porém como já mencionado, por se tratar de uma época de diversos acontecimentos curiosos e possibilidades de estudo, cada vez mais pesquisas na área surgem. E também, o avanço na tecnologia possibilita pesquisas mais profundas, como no caso da peste, que apresentou novas informações através de pesquisas em DNAs de antigos “cemitérios de peste”. R. Hymes (2022) e MH Green (2022) constatam que genomas da bactéria causadora da doença foram encontrados em um antigo cemitério de peste de Londres de 1348. No ponto abaixo discutiremos mais profundamente sobre a doença.

2. A PESTE

Podemos afirmar que a Peste Bubônica é uma das doenças mais famosas da humanidade. Trata-se de uma doença transmitida por vetores, mais especificamente, roedores como ratos e marmotas. E como outras doenças que possuem o mesmo modo de transmissão, como a varíola e a febre amarela, é altamente virulenta. Sendo assim, multiplica-se rapidamente dentro de um organismo e conseqüentemente é transmitida facilmente para novos hospedeiros. Já os transmissores da peste são ectoparasitas comedores de sangue, isto é, pulgas infectadas com a bactéria *Yersinia pestis*. A bactéria produz um fino biofilme dentro do intestino da pulga, bloqueando seu trato digestivo, fazendo a pulga passar fome. Esse processo conseqüentemente gera uma alimentação agressiva e compulsória da pulga, e a regurgitação (vômito) das bactérias na pele da vítima da picada, passando a ser o novo hospedeiro. Esse vômito no novo hospedeiro acontece para que o parasita consiga se alimentar mais e mais. O novo hospedeiro pode ser humano ou qualquer outro mamífero, desde que seja picado pela pulga. No caso do humano, a doença pode ser transmitida também através de espirros e fluídos corporais, pelo contato com outro humano infectado. No esquema abaixo, na Imagem 1, podemos observar melhor esse ciclo da bactéria:

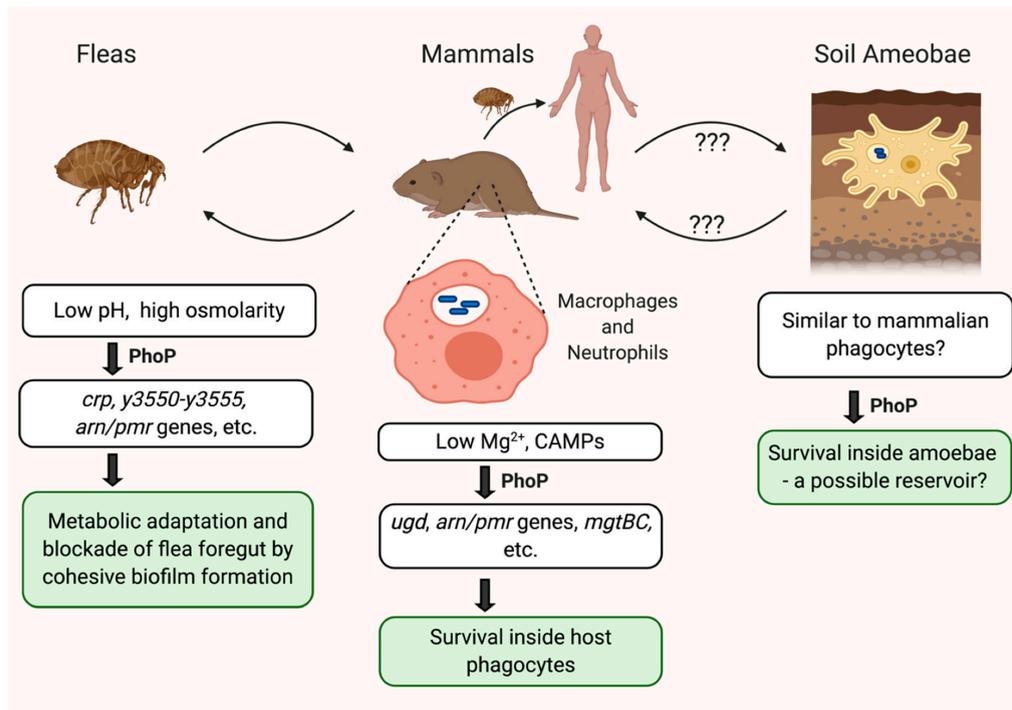


Imagem 1: Ciclo de vida da bactéria *Y. Pestis*. Fonte: <https://www.mdpi.com/2076-0817/9/12/1039>.

No esquema mostrado na Imagem 1, observamos o ciclo que a bactéria faz. Em seu transmissor, a pulga, por meio de uma adaptação metabólica e o bloqueio do intestino das pulgas pela formação do biofilme. Já em seus hospedeiros mamíferos, no caso do esquema temos mencionados roedores e humanos, nos é apresentado que a bactéria sobrevive dentro dos fagócitos do hospedeiro. Os fagócitos são os leucócitos do sangue, ou também chamados de glóbulos brancos, que possuem a função de proteger o corpo de infecções. No caso da infecção pela bactéria *Yersinia pestis*, a bactéria impede os fagócitos de realizarem sua função, a fagocitose, que consiste na “ingestão” da bactéria pela célula de defesa e sua destruição. Assim, o fagócito acaba tornando-se hospedeiro da bactéria e impedido de proteger o mamífero infectado. No esquema da Imagem 1, há também a suposição de amebas do solo serem possíveis reservatórios da bactéria, por possuírem semelhanças aos fagócitos dos mamíferos.

Apesar de ser geralmente relacionada ao medievo, a peste bubônica não é uma doença que surgiu no contexto medieval. Kyle Harper (2023) em seu texto “The First Plague Pandemic in Italy: The Written Evidence” aponta que, na verdade, a peste permaneceu como a doença epidêmica mais temível durante todo o início dos tempos modernos. E que, no século XVII, mesmo com a varíola assolando populações, a peste ainda era a responsável pelas mais graves crises de mortalidade mundial. Porém, não só as épocas medievais e

modernas sofreram com a pestilência, ela foi responsável por três grandes pandemias históricas.

A Primeira Pandemia de Peste ou também, Peste de Justiniano, ocorreu de 541 a 544, muitas vezes sendo considerada como a primeira pandemia da história. Ela leva esse nome pois quando chegou a Constantinopla atingiu o imperador Justiniano, o levando à morte e à sucessão de Justino II, seu sobrinho. Os estudos sobre esse primeiro surto de peste registrado são escassos e não se sabe muito sobre o episódio. O artigo “*Yersinia pestis* and the Plague of Justinian 541–543 AD: a genomic analysis” de David M Wagner (2014), nos proporciona uma melhor compreensão através do estudo feito pelos participantes da pesquisa. A pesquisa foi feita a partir do sequenciamento e análise de rascunhos de genomas da bactéria *Y. pestis* obtidos nos dentes de dois indivíduos que morreram na primeira epidemia. Os indivíduos estudados encontravam-se enterrados no cemitério medieval de Aschheim Bajuwarenring (Aschheim, Baviera, Alemanha).



Imagem 2: Fotografia aérea mostrando a localização do túmulo do indivíduo A120 (um dos indivíduos investigado na pesquisa) no cemitério de Aschheim-Bajuwarenring, Baviera, Alemanha. Fonte: *Yersinia pestis* and the Plague of Justinian 541–543 AD: a genomic analysis.

Apesar de ter sido atestado no sequenciamento de DNA a presença de *Y. pestis* nos indivíduos estudados, era incerto ainda se as bactérias que causaram o primeiro surto de peste estavam relacionadas com as que surgiram posteriormente. No artigo, é apontado que ainda “não está claro se as cepas de Justiniano eram ancestrais diretos das cepas da Peste Negra e surtos de peste posteriores, ou formam uma nova linhagem de *Y. pestis*” (DM WAGNER, 2014, p. 319). E conseqüentemente, não se sabe ainda se a segunda e a terceira epidemia de peste foram resultados do ressurgimento dessa primeira cepa bacteriana - da Peste de Justiniano - ou se foram novas cepas que surgiram em um dos diversos reservatórios de roedores existentes. Porém, para os autores desse artigo a conclusão é que, o segundo e o terceiro episódio de peste se diferem do primeiro. A partir de emergências independentes de roedores em seres humanos. Ou seja, isso nos mostra que espécies de roedores ao redor do mundo são importantes reservatórios bacterianos e que podem causar surgimentos repentinos de doenças, em especial, podem causar diversos surgimentos de novas linhagens de *Yersinia pestis* em populações humanas.

Na Imagem 3 abaixo retirada do artigo mencionado, podemos observar que “a probabilidade da árvore de máxima verossimilhança foi significativamente melhor do que a filogenia concorrente” (DM WAGNER, 2014, p. 322). Ou seja, em termos não científicos, essa probabilidade apoia a teoria de que a Peste de Justiniano foi uma emergência bacteriana independente e que não foi preceptora dos seguintes surtos:

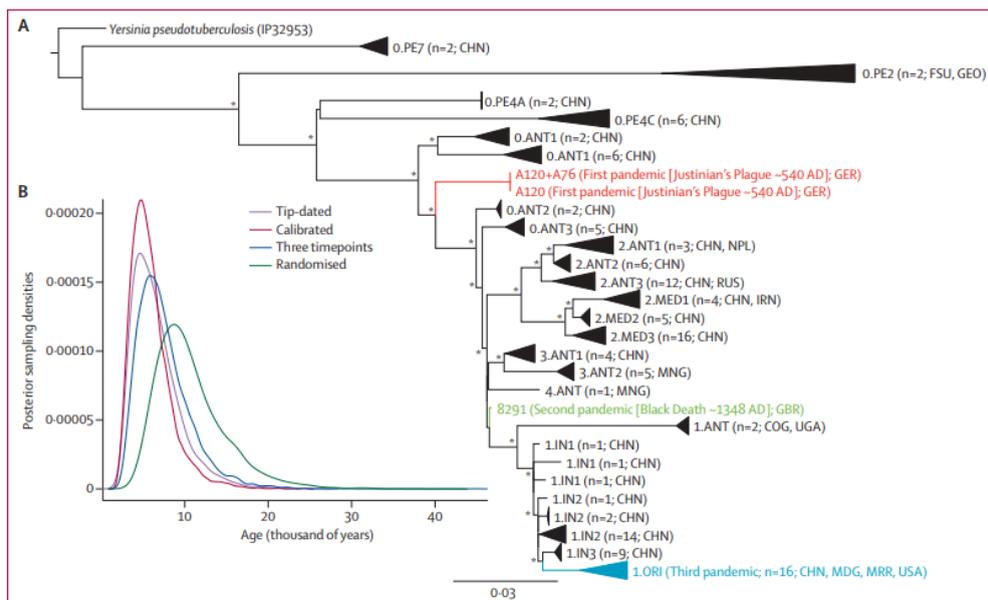


Figure 3: (A) Maximum likelihood tree and (B) posterior distributions of times to most recent common ancestry for different BEAST runs
 (A) Maximum likelihood tree of 2268 single-nucleotide polymorphisms (SNPs) from 133 strains of *Yersinia pestis*. The tree is rooted using a genome sequence²⁸ from the soil-dwelling *Y pseudotuberculosis*, the probable ancestor of *Y pestis*.^{15,29} The branch leading to *Y pseudotuberculosis* is artificially short because no SNPs were identified in this species; it was therefore excluded from the molecular clock and root-to-tip regression analyses. The branches associated with first, second, and third pandemics are coloured red, green, and blue, respectively, and, when possible, branches have been collapsed to improve clarity. Phylogenetic groups (eg, O.PE7) are designated as described previously,¹⁵ with the first number indicating the major branch (0–4) along which that group is found; the number of strains and the countries where the strains were isolated are indicated for each group. (B) The different BEAST²⁵ runs were calibrated using: (1) all *Y pestis* tip dates in the dataset (“Tip-dated”), (2) dates of the Plague of Justinian and Black Death as nodal “fossils” with all modern strains assumed to be isochronous (year 2000; “Calibrated”), (3) tip dates of the three ancient strains incorporated with all modern strains assumed to be isochronous (year 2000; “Three timepoints”), and (4) tip dates randomised by swapping the sampling date of the Justinian and Black Death samples (“Randomised”). The overlapping distributions, particularly with the randomised data, show the absence of temporal signal in the data. CHN=China. FSU=Former Soviet Union. GEO=Georgia. GER=Germany. NPL=Nepal. RUS=Russia. IRN=Iran. MNG=Mongolia. GBR=Great Britain. COG=Republic of Congo. UGA=Uganda. MDG=Madagascar. MRR=Myanmar.

Imagem 3 e 4: Árvore de máxima verossimilhança e legenda explicativa do esquema. Fonte: *Yersinia pestis* and the Plague of Justinian 541–543 AD: a genomic analysis.

No esquema acima, da Imagem 3, temos também, no topo da árvore filogenética, a menção da bactéria *Yersinia pseudotuberculosis*, atestada como o provável ancestral da peste. Nota-se também que “a cepa da Peste Negra fica perto da base do ramo 1, sugerindo que a segunda pandemia deu origem a todas as cepas posteriores de *Y. pestis* ao longo do ramo 1” (DM WAGNER, 2014, p. 322). Ou seja, a cepa bacteriana causadora da Peste de Justiniano pode não ser a preceptora das cepas posteriores de peste, mas a da segunda epidemia deu origem a todas as outras cepas de *Y. pestis* posteriores a ela. Sendo assim, a cepa de bactérias responsáveis pela terceira pandemia de peste tem suas origens nas cepas bacterianas da segunda epidemia de peste.

Após esse primeiro momento, os surtos se repetiram irregularmente por mais dois séculos até meados de 740/760. Depois, aparentemente, os bacilos de *Y. pestis* “se acalmaram” pois não há registros de menções da doença na Europa e no Oriente Médio até ressurgir novamente em meados do ano 1300. Entretanto, na obra “New Evidence for the Dating and Impact of the Black Death in Asia” de Monica H. Green e Robert Hymes (2022), os autores alegam que estudiosos e médicos da Eurásia, aproximadamente por volta da década de 1220, já estavam atualizando os tratamentos e criando novas terminologias para uma “desconhecida” e “nova” doença virulenta. Os termos desconhecida e nova estão entre aspas pois a peste não era nova nem desconhecida. Dessa forma, temos que essa tranquilização dos bacilos da bactéria não necessariamente ocorreu, como mencionado acima, mas sim que o conhecimento popular e também o histórico e científico possa talvez ter se perdido ou caído no esquecimento, e isso explica a escassez de menções da doença, segundo os autores (2022). Os registros que temos sobre a Primeira Pandemia de Peste são poucos, tratam-se de relatos de Paulo, o Diácono, um importante historiador e monge. Na obra “The First Plague Pandemic in Italy: The Written Evidence” de Kyle Harper (2023), podemos observar alguns trechos dos escritos de Paulo. Este, viveu entre os anos de 720 a 790, na Itália, e seus relatos

sobre a Primeira Pandemia de Peste na Itália estão presentes em sua obra “Historia Langobardorum (1514)”, considerada a fonte mais importante da história italiana do final do século VIII.

A Peste de Justiniano foi notada pela primeira vez no ano de 541, em Pelúcio, no Egito, muito provavelmente introduzida pelo Mar Vermelho, e rapidamente se espalhou pelo Mediterrâneo Oriental, norte da África, Itália, Gália e Espanha. No quarto capítulo do segundo livro de sua obra, Paulo relata um surto de pestilência, em meio a escritos sobre Narses - um importante general de Justiniano durante o período de “Reconquista” em seu reinado - e os romanos. Paulo relata: “Nos tempos deste homem, uma peste muito grande irrompeu, particularmente na província da Ligúria²”. Este homem mencionado no trecho é Narses, como já falado, um personagem importante na história de Constantinopla. Em 551 foi despachado para a Itália para completar o deslocamento dos godos e ser a figura mais poderosa da Itália. Em 568 foi chamado novamente à Constantinopla pelo novo imperador Justiniano II e recusou, permanecendo na Itália até sua morte. Paulo então coloca a praga cronologicamente entre uma série de sucessões militares e a inimizade que se seguiu entre Narses e a corte em Constantinopla após a recusa do chamado. Em outro trecho do livro, Paulo alega que:

...em todos os lugares havia tristeza e lágrimas. Pois, como dizia o relato comum, aqueles que fugiram evitariam a peste, as moradias foram deixadas desertas por seus habitantes, e os cães apenas mantiveram a casa. Os rebanhos ficaram sozinhos nas pastagens, sem pastor por perto. Você pode ver aldeias ou lugares fortificados recentemente cheios de multidões de homens e, no dia seguinte, todos partiram e tudo estava em completo silêncio (HARPER, K. 2013, p. 28).

Para entendermos melhor o início da Segunda Epidemia de Peste, também conhecida como Grande Peste medieval e a mais conhecida entre todos os processos epidemiológicos que a doença já se manifestou, precisamos primeiro entender como ela reapareceu. Como já falado acima, após a Peste de Justiniano no século IV, a transmissão de peste aparentemente se acalmou, podendo até mesmo ter caído no esquecimento social. Mas podemos afirmar que ela não desapareceu completamente. Robert Hymes (2022) aponta que a partir da adequação de tratamentos e terminologias pelos médicos e estudiosos da Eurásia do século XI mencionada acima, resulta-se nos primeiros surtos documentados da peste, onde caroços purulentos e feridas são apontados. A teoria proposta pelos autores, Green (2022) e Hymes

² "Huius temporibus in provincia praecipue Liguria maxima pestilentia exorta est." A passagem latina aqui é de Paulo, o Diácono, Hist. Lang. 2.4, ed. Bethmann e Waitz, 74. Traduzido em Paulo, o Diácono, História dos Langobards, trad. W. D. Foulke (Filadélfia, 1907).

(2022), é que esses novos surtos possam estar ligados diretamente com a conquista do norte da China pelos Mongoís, e os diversos cercos realizados pelos mesmos, entre os anos de 1213 a 1222. Sendo assim, a teoria de Green (2022) e Hymes (2022) sugere que “a Segunda Pandemia de Peste já havia atingido partes da Ásia Central e Oriental mais de um século antes de fazer seu reaparecimento na região do Grande Mediterrâneo” (HYMES, R., GREEN, M., 2022, p. 1). Green (2022) nos propõe também que a politomia - o processo de divergência de novas cepas bacterianas - da peste tem sua origem na conquista do estado de Qara Khitai - ou Canato Caraquitai - pelos mongoís em 1218. Durante o processo de conquista, os mongoís tiveram contato com o bacilo de *Yersinia pestis*, e a partir de seus imparáveis movimentos por toda a Eurásia, acabaram levando e disseminando a doença para novos lugares. Essa disseminação para diferentes lugares pode explicar a politomia bacteriana da doença, a partir da adaptação e surgimento de novas cepas bacterianas - tratam-se de subconjuntos de uma espécie bacteriana que se difere de outras bactérias da mesma espécie por alguma diferença - a partir da divergência adaptativa necessária. E, a disseminação teve um grande auxílio também dos carregamentos de grãos que circulavam na Eurásia, chegando dessa forma então à Europa, por volta do ano de 1340, onde se estendeu por mais de três séculos e quando temos como o início da Segunda Epidemia de Peste. Apesar de seu reaparecimento ser apontado na maioria da historiografia como sendo o século XIV, vimos acima que talvez a Segunda Pandemia de Peste já havia atingido partes da Ásia central e oriental mais de um século antes de voltar ao Grande Mediterrâneo.

Já a Terceira Pandemia de Peste ou Pandemia Contemporânea, trata-se da expansão silenciosa da doença entre o meio tempo da segunda e da terceira pandemia, que se difundiu globalmente através de Hong Kong em 1894. Apesar de ter sido muito mais controlada que as outras, por se tratar de algo já conhecido, suas consequências e formas de diminuição de impacto, ainda assim a Terceira Pandemia de Peste acarretou em milhões de mortes na China, Índia e África, segundo Harper (2013). Como mencionado, ela se difundiu globalmente, através de barcos saindo de Hong Kong, provavelmente mercantis, infestados de ratos e pulgas, chegando a lugares extremamente distantes e livres da doença e criando reservatórios de peste, como em Madagascar e o oeste dos Estados Unidos.

Por fim, Harper (2022) expõe que a investigação da origem da peste é contínua e ainda incerta, porém novos estudos com base na genética alegam que a bactéria *Y. pestis* evoluiu na Ásia Central, mais precisamente nas áreas de estepes e terras áridas, por se tratarem de um bom habitat para uma grande variedade de roedores que são adequadamente

hospedeiros da bactéria. No capítulo “Novos estudos sobre a peste”, analisaremos esse tópico mais detalhadamente.

3. HISTORIOGRAFIA CLÁSSICA DA PESTE

Desde o primeiro surto da doença, no século IV, com a Peste de Justiniano, teorias acerca da pestilência foram criadas. As mais famosas entre elas são a teoria miasmática e a teoria de castigo divino. Podemos considerá-las como os primeiros estudos sobre a doença, por mais que sejam teorias, baseiam-se no conhecimento científico - que era pouco - e no conhecimento popular da época.

A primeira, a teoria do miasma, consiste na corrupção do ar, ou contaminação, pelos odores fétidos que exalam dos corpos dos mortos, nesse caso, das vítimas de peste. Após o ataque mongol em Bagdá em 1258 e seu declínio, cronistas muçulmanos começaram a discutir sobre os miasmas. Ibn Wasil, erudito sírio, foi o primeiro cronista a abordar essa questão miasmática em suas obras, no final do século XIII. O cronista relata que a praga acometeu o Egito e a Síria após Bagdá porque a matança na capital iraquiana corrompeu o temperamento do ar e se espalhou para essas outras regiões. Em seus escritos, ele descreve sintomas da doença que matava todos ao seu redor e se refere a ela como *ta^ˆuⁿ*, que hoje sabemos que era a forma na época de se referir a peste. O erudito aponta:

Houve febre e tosse em Bilbeis [na extremidade leste do delta do sul do Nilo] de tal forma que nenhuma pessoa foi poupada, mas não houve nada disso no Cairo. Depois de um ou dois dias, algo semelhante aconteceu no Cairo. Naquela época, eu estava em Gizé. Fui até o Cairo e descobri que essa condição estava se espalhando por todo o povo do Cairo, exceto por alguns (FANCY, N., GREEN, MH., 2021, p. 164).

Wasil alega que a doença passou de uma região para outra a cada três dias, até que todas as províncias egípcias estavam acometidas pela epidemia em pouco tempo.

Alguns enciclopedistas da época tratavam dessa teoria também afirmando que uma “febre epidêmica (*al-_ˆhumma_ˆ al-wab^ˆiyya*) era causada por uma corrupção na substância do ar, que, quando respirado, arruína o espírito no coração. Esse espírito ruim é então distribuído para o resto do corpo por meio das artérias e, assim, faz com que a pessoa adoça” (FANCY, N., GREEN, MH., 2021, p. 169).

Retomando ao caso de Bagdá, com o ataque mongol e o surto de peste logo em seguida, as mortes registradas foram mais de 800.000, sem contabilizar adultos e crianças que morreram quando se escondiam do exército mongol, muitas vezes de fome e medo. Seguindo

a teoria miasmática, os que sobreviveram ao ataque foram atingidos por uma waba (epidemia) por respirarem o odor dos cadáveres e beberem a água contaminada dos rios que os corpos eram jogados; já que o número de mortos era tanto que não era mais possível enterrar todos. Seguindo esse pensamento, era comum as pessoas cheirarem cebolas, ervas e especiarias que exalam cheiros fortes, em uma tentativa de afastar os odores fétidos e consequentemente, os miasmas contaminados. Os médicos nessa época usavam vestimentas específicas que cobriam todo o corpo e máscaras com um bico alongado, onde era armazenado ervas com o intuito de os protegerem do ar corrompido e “envenenado” .



Imagem 5: Representação artística de um médico da peste.

Fonte: <https://images.app.goo.gl/FX5RVWNWhmn4bEJB8>.

A segunda linha de pensamento que circulava na época era a teoria do castigo divino. Ela consistia na crença de que a epidemia de peste tratava-se de um castigo enviado de Deus para a terra e os humanos por todos os pecados já cometidos. Com isso, muitos recorreram à Igreja Católica, a fim de serem poupados desse castigo. Papa Clemente VI (1291 - 1352) instituiu uma missa especialmente à peste, Philippe Wolff (1998) em sua obra “Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?” declara que:

[...]o papa concedeu a todos aqueles que ouvirão e dirão essa missa 260 dias de indulgência. Todos os que ouvirem a missa sobredita deverão carregar na mão uma vela acesa durante cinco dias consecutivos e não poderão ser atacados de morte súbita. Isso é seguro e aprovado para Avignon e região (WOLFF, P. 1998, p. 27) .

É válido lembrar que a Igreja era muito poderosa nessa época e exercia uma grande influência na sociedade e nas outras instituições de poder. Com a alta procura por uma salvação divina da pestilência que ocorria na época, seu poder e influência cresciam mais e mais.

Com o avanço da tecnologia, pôde-se compreender melhor sobre a doença e todo o seu processo epidemiológico, e isso veremos no capítulo a seguir.

4. NOVOS ESTUDOS SOBRE A PESTE

No artigo “The Four Black Deaths” da historiadora americana especialista em história da saúde Monica H. Green (2020), a autora nos alega que novos estudos acerca da doença que tirou a vida de milhões de pessoas no passado estão sendo feitos, e que esses estudos são focados principalmente em DNA humano, de animais domésticos como cachorros e cavalos e patógenos humanos. Um exemplo de estudo recente sobre o tema é o artigo utilizado acima para elucidar melhor a primeira pandemia de peste, a obra “*Yersinia pestis* and the Plague of Justinian 541–543 AD: a genomic analysis” de David M Wagner (2014); onde podemos ver uma pesquisa realizada a partir de DNA humano, nesse caso, dos indivíduos enterrados em Aschheim Bajuwarenring. Com o avanço nas pesquisas, foi possível a comprovação que a bactéria *Y. pestis* foi a causadora da primeira e segunda pandemia de peste. O que era incerto no momento em que as epidemias ocorreram por falta de conhecimento e tecnologia capaz de detectar isso. O caso da terceira pandemia de peste não se enquadra nessa descoberta pois na época em que ocorreu já era possível a identificação de seu agente causador. Na obra “The Four Black Deaths” de Green (2020), a autora aponta que a peste foi quase certamente transmitida pelo Mar Negro em 1347 por carregamentos de grãos contaminados saídos do porto de Tana, ao norte do Mar de Azov, a partir de comentários de Hannah Barker (2021), pesquisadora especializada nas conexões entre o Mediterrâneo e o Mar Negro. Dessa forma, temos que a peste já circulava no Mediterrâneo no século XII. Essa teoria de que o processo epidemiológico teve seu início no século XII e não no XIV vai em contrapartida a toda narrativa anterior sobre a doença.

Nesse artigo, Green (2020) alega também que o Império Mongol foi um importante fator na história da peste. Por se tratar de um povo que se movimentava muito, os mongóis podem ter contribuído para a proliferação da peste. Seguindo esse argumento, Green (2020) propõe que os mongóis ao passarem por uma população de roedores, provavelmente marmotas, em uma de suas incursões nas áreas ao redor das montanhas de Tian Shan, criaram um cenário enzoótico conectando os roedores e assim, a doença se proliferou até populações de marmotas de regiões distantes do Quirguistão.

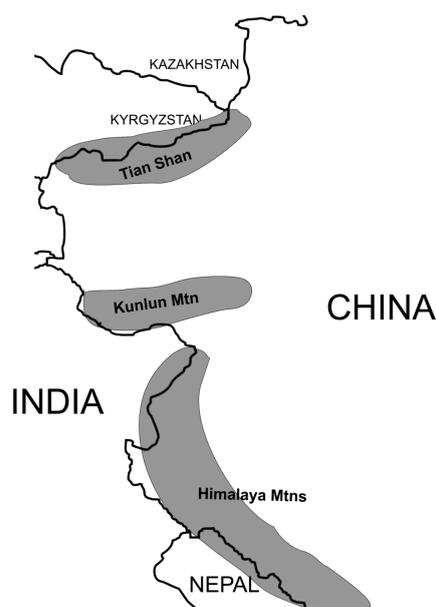


Imagem 6: Mapa atual das regiões do Quirguistão e da região montanhosa de Tian Shan. Fonte: Google imagens.

É válido ressaltar também uma outra hipótese, de Robert Hymes (2014), que argumenta que esse “encontro” dos mongóis com os roedores foi porque eles costumavam se alimentar e usar da pele e couro das marmotas para roupas, ferramentas, etc, ficando extremamente vulneráveis às picadas de pulgas. Com essa teoria podemos associar a peste também aos períodos de colapso estrutural que o Império Mongol enfrentou, que foram descritos em sua historiografia como “políticos”. Por exemplo, o caos no Chaghadaid Khanate nas décadas de 1270 e 1280, o colapso do Ilkhanate na década de 1330, e o que foi chamado de “caos total” novamente no Chaghadaid Khanate quando caiu na década de 1340. Podemos fazer essa associação pois segundo o argumento de Marie-Laure Derat (2018) a respeito da Etiópia medieval tardia, onde também há menções à peste no sultanato de Sawa no século XIII, talvez a explicação para uma sequência de reinados curtos e caos estrutural

seja porque as pessoas estavam literalmente morrendo repentinamente, podendo ser a resposta aos colapsos que o Império vinha sofrendo.

Em seu outro artigo “Plague and the Fall of Baghdad”, Green (2021) novamente propõe que a pandemia de peste da Idade Média teve suas origens anteriores ao século XIV. Existe uma teoria que coloca o Império Mongol como o grande vilão da disseminação da peste negra no território euroasiático, e ela é abordada nesse texto de Green (2021). A autora pontua que a partir do reexame de diversos relatos históricos de cronistas da Síria e Egito sobre o cerco de Bagdá em 1258 feito pelos mongóis, a epidemia de peste já era conhecida. Entretanto, “no entendimento contemporâneo da gênese das epidemias, os mongóis não foram vistos como tendo trazido a peste para Bagdá. Eles causaram o surgimento da peste com sua destruição desenfreada” (MH GREEN, 2021, p.157). Ou seja, os mongóis não foram vetores de disseminação da *Y. pestis*, mas contribuíram para seu avanço pela fragilização e vulnerabilidade que deixavam os locais por onde passavam fazendo cercos.

Em seu estudo sobre a China durante a Dinastia Song (960 - 1279), Hymes (2022) argumenta que provavelmente os mongóis levaram a peste para a China já em 1218, trazendo-a de um reservatório antigo de peste localizado nas montanhas de Tian Shan. Isso ocorreu provavelmente quando os mongóis conquistaram o Império Qara Khitai no mesmo ano. O império se estendia desde o leste das montanhas de Tian Shan até Khwa‘a‘a‘, atual Cazaquistão. A partir daí, o Império Mongól espalhou o bacilo para a China, Cáucaso, Sibéria e Mongólia, resultando em novos surtos de peste.



Imagem 7: Canato Qara Khitai. Fonte: Google imagens.

Mas se a doença e suas consequências já eram conhecidas então, por que a historiografia ignorou esse fato? Não se sabe ao certo o motivo, mas houve um apagamento

de informações dos surtos de peste bubônica anteriores ao século XIV. Por exemplo, nas crônicas e tratados do mundo islâmico ocidental escritos no século XIV, o cerco de Bagdá em 1258 e seu surto de peste não são reconhecidos, segundo Fancy e Green (2021). Esse apagamento de memória pode ter sido o grande fator significativo que moldou a historiografia da peste bubônica até os dias atuais, criando uma narrativa completamente diferente da realidade descoberta nos estudos recentes. Green (2021) afirma que escritores da peste do século XIV abordam a doença como algo de origem da década de 1330 no leste asiático, mais especificamente na China. Não se sabe ao certo o porquê desse apagamento. Mas nas crônicas pós peste negra e nos tratados sobre a doença do mundo islâmico ocidental escritos no século seguinte, o surto do século XIII após o Cerco de Bagdá não é reconhecido. Green (2021) aponta que esse apagamento é estranho e significativo, já que na tradição árabe já havia vocabulário (*waba*) e referências para se tratar da doença com seus efeitos e consequências físicas e culturais.

Retomando ao cerco mongol de Bagdá em 1258, as mortes foram tantas que a população de Bagdá não foi capaz de manter as práticas comuns de sepultamentos e passaram a jogar os corpos infectados no Rio Tigre.

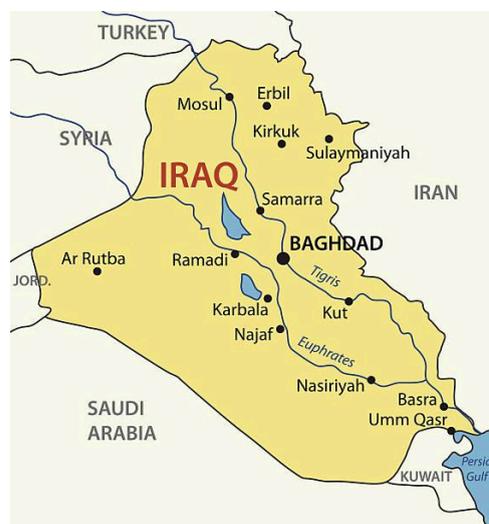


Imagem 8: Rios Tigre e Eufrates (mapa de territórios atuais). Fonte: Google imagens.

Parte da população quando o exército mongol (também muito prejudicado pela doença) se aproximava, recorreu a esconderijos subterrâneos e conseguiram “se livrar” dos ataques militares e dos bacilos de *Y. pestis*. Porém, com o fim do cerco e a volta à cidade sendo segura, encontraram apenas ruínas e cadáveres expostos nas ruas, em processo de decomposição.

Mona Hassan³, historiadora islâmica, ao estudar relatos históricos de cronistas contemporâneos e/ou de uma segunda geração de cronistas que registraram sobre surtos da peste após a queda de Bagdá, notou em 2017 nesses relatos que:

O fedor foi relatado como sendo avassalador e, combinado com a contaminação da água da cidade pelos mortos e a descida das moscas em Bagdá, que também contaminou o suprimento de alimentos. Essas mudanças drásticas foram consideradas a causa da última fonte de morte, a peste, que ceifou a vida de quase todos os habitantes da cidade que haviam escapado da espada (FANCY, N., GREEN, MH., 2021, p. 158).

Como exposto no capítulo “Historiografia clássica da peste”, a teoria miasmática de disseminação de peste era algo que a população da época acreditava, numa tentativa de entendimento dessa doença misteriosa, que surgia e matava muitos em um intervalo curto de tempo. No relato acima, podemos observar como a teoria estava presente na vida do cidadão medieval, pelas diversas declarações de um forte fedor avassalador e suas consequências. Nesse caso, a proliferação de moscas e o apodrecimento dos alimentos, sucedendo em uma crise sanitária e alimentícia.

Por fim, Green (2021) alega que por mais que a peste tenha se mostrado ativa na Ásia Ocidental ao longo dos anos 1200, o impacto foi relativamente mínimo, “as evidências documentam surtos de peste apenas em 1258, embora os ataques mongóis à Síria tenham se repetido até 1260” (FANCY, N., GREEN, MH., 2021, p. 175). Entretanto, a partir de 1330, eventos não conectados podem ter acontecido pela expansão da peste novamente, como a queda misteriosa do Ilcanato em 1335, um dos quatro estados sucessores do Império Mongol; o abandono do comércio na cidade iraniana de Tabriz e uma peste que se espalhou após um terremoto próximo ao Mar Cáspio, segundo um cronista contemporâneo, que resultou em 30.000 mortes (terremoto e peste). Porém, já em 1346, todo o território da Horda de Ouro estava contaminado com os bacilos de *Y. pestis*.

³ Mona Hassan, *Longing for the Lost Caliphate: A Transregional History* (Princeton: Princeton University Press, 2017), 47, noted that plague had played a role in the catastrophe, an observation never previously noted in modern plague historiography. 7A. von Kremer and Michael Dols both noted in passing that an epidemic or even plague was reported in Syria in 1258, but they never delved into the extensive chronicle reports on the outbreak: A. von Kremer, *Ueber die grossen Seuchen des Orients nach arabischen Quellen* (Vienna: Kaiserliche Akademie der Wissenschaften, 1880), 62–67; Dols, *The Black Death*, op. cit. (note 1), 34.



Imagem 9: localização da cidade de Tabriz em mapa atual. Fonte: Google imagens.

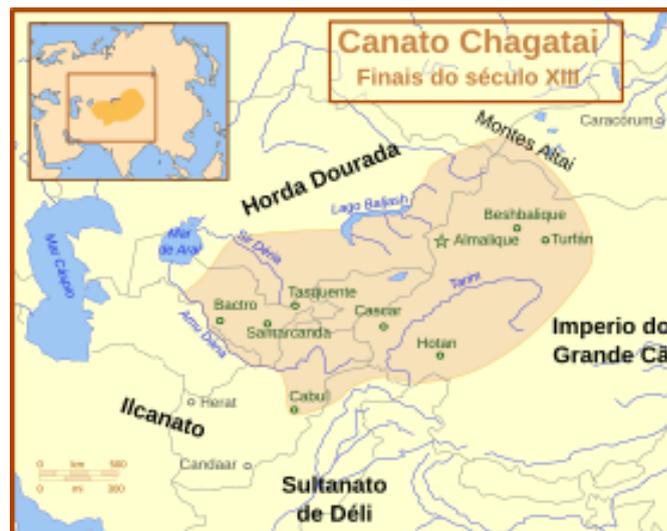


Imagem 10: Horda Dourada no século XIII. Fonte: Google imagens.

A historiadora (2021) aponta que essa “pausa” na disseminação e nos surtos de peste pode ter ocorrido pelo fato de que a devastação de 1258 se deu por grãos contaminados e que muito provavelmente as regiões atingidas mencionadas (Bagdá, Síria, Egito) não possuíam ainda reservatórios locais de roedores vetores da doença. E ao final, ela conclui que esse “apagamento” do surto de 1258 pelos cronistas, estudiosos e historiadores da época foi algo que fugiu da tradição historiográfica islâmica e que alterou o percurso de toda a historiografia sobre a peste. Isso não significa que eles não escreviam sobre o que estava acontecendo, mas escreviam de uma forma que demonstrava o pensamento de que a peste era apenas uma crise

de duração limitada, um desafio de Deus para testar seus fieis. Por esse pensamento, eles não registraram com tantas informações e correlações com outros surtos de pestes já vividos, visto que era de praxe em sua historiografia o registro da cronologia da peste, como fizeram com a Peste de Justiniano. “Para os escritores sírio-egípcios pós-peste negra, a década de 1250 apresentou à comunidade um teste de apocalipse sob o disfarce das conquistas mongóis e da destruição do califado em Bagdá” (FANCY, N., GREEN, MH., 2021, p. 177).

Por último, o livro de Monica Green e Robert Hymes (2022) intitulado “New Evidence for the Dating and Impact of the Black Death in Asia”, nos apresenta importantes novas informações válidas de serem abordadas. Green (2022) afirma que os primeiros contatos do Império Mongol com a peste foram entre os anos de 1216 - 1218, quando conquistaram o estado de Qara Khitai, e que pelas suas movimentações, geralmente devido à conquistas militares, levaram o bacilo para outras partes da Eurásia. Já para territórios europeus, temos que a bactéria foi levada por carregamentos de grãos contaminados a partir do contato com as fezes de ratos contaminados. Hymes e Green (2022) observam que em fontes chinesas que utilizaram em análises dos seus novos estudos, datadas do século XIII, um novo sintoma surgiu nos escritos epidêmicos chineses: uma ferida grande e purulenta (infeccionado, que contém pus).

Com isso, conseguimos associar os novos sintomas de uma nova epidemia com as invasões mongóis ao Estado Jin (1127-1234) na China nas primeiras décadas do século XIII. Após a conquista e o estabelecimento da dinastias mongóis de Yuan (1234-1369), Ming (1369-1644) e Qing (1644-1911) na China, os escritos médicos continuaram a descrever sintomas que hoje podemos associar a peste, mostrando que a doença se repetia através dos séculos, tendo momentos de “pausa” e “retorno”. A partir dessas informações, podemos revogar a teoria de Hannah Baker⁴, historiadora americana, de que a peste adentrou o mundo Mediterrâneo medieval através do cerco mongól em Caffa em 1347, uma vez que ela se fez presente no território já em 1258, quando Bagdá foi sitiada e atacada como já explicitado acima.

Retornando ao ataque mongol à China Jin (1127-1234), o médico Li Gao (1180-1251) escreve em 1247 sobre o que presenciou durante o cercos mongóis ao território:

⁴ Barker, “Laying the Corpses” (2021). For the older story, see for example Horrox, ed., *The Black Death* (1994), 14ff. Fancy and Green, meanwhile, have firmly documented a different case of plague closely associated with a Mongol siege, that of Baghdad in 1258. Their finding strengthens my confidence in Li Gao’s account of such an association in multiple north Chinese cities forty-odd to twenty-six years earlier, and also strengthens the case that the epidemic disease in these Chinese cases was also plague.

Ao todo, passara meio mês desde o contato com o inimigo, e depois que o cerco foi levantado, todos, exceto um ou dois em cada dez mil habitantes da capital, adoeceram, e entre os doentes os que morreram se sucederam sem fim. Em cada um dos doze portões da capital, [os mortos] enviados por dia eram dois mil no máximo e nada menos que mil no mínimo, e assim foi por quase [dois] meses. [...] Mais atrás, durante as eras Zhenyou e Xingding [1213-1222], [cidades] como Dongping, como Taiyuan, ou como Fengxiang eram todas iguais na doença e morte que sofreram depois que seus cercos foram levantados (HYMES R, GREEN MH, 2022, p. 7).

Com o relato do médico chinês podemos atestar a teoria já mencionada acima, dos impactos que os mongóis causavam na Eurásia, com a fragilização e vulnerabilidade que causavam nos locais onde faziam cercos e, conseqüentemente, contribuindo com a proliferação da peste. É importante destacar também que nesse trecho, Li Gao menciona mais de um surto epidêmico em cidades no norte da China, em um tempo de aproximadamente 10 a 17 anos, todos relacionados a cercos mongóis, explicitando a demora e complexidade desses ataques, e suas conseqüências para a saúde dos atingidos, além das outras inúmeras conseqüências desses ataques militares. Hymes e Green (2022) argumentam que essas alegações do médico chinês são provavelmente os primeiros aparecimentos de peste na chamada “Segunda Pandemia de Peste”, incluindo os casos de peste na Ásia Ocidental, Europa e África, com recorrências até o século XVII. Segundo esse argumento, então, temos que a Segunda Pandemia de Peste teve seu início no século XIII, caso seja considerado esse ponto de que as primeiras aparições se dão nas primeiras décadas de 1200.

Hymes e Green (2022) nos apresentam também que os estudos mais recentes situam a origem da peste entre 4000 a 7000 anos atrás, com base na análise de “restos orgânicos” na região de Samara, atual oeste da Rússia. Com essa informação, podemos dizer então que a peste não era uma característica mongól em seus territórios de origem, mas passou a “andar junto” com o Império a partir de incursões militares em territórios com reservatório de roedores contaminados.

5. AS OBRAS DE IBN AL-ATHIR E BAHA AL-DIN IBN SHADDAD

Durante e após a leitura das obras explicitadas no item “Novos estudos sobre a peste”, se fez necessária a busca por informações que pudessem salientar ou não a proposta teórica da historiadora americana Monica H. Green (2020), que atesta o início do processo epidemiológico da peste no século XIII, e não no século XIV. Com isso, iniciou-se o processo

de leitura e fichamento de obras dos séculos anteriores ao XIV, de autores do Levante ou que escreveram sobre a região, que serviram como as principais fontes de estudo do trabalho. Dessa forma, buscamos nas obras qualquer menção à peste bubônica - muitas vezes escritas de outras formas como por exemplo *waba'*, nesse caso, em árabe -, ou então qualquer outra coisa relacionada a doença, por mais pequena que fosse, como fenômenos naturais que possam de alguma forma se relacionar com surtos de peste.

As obras selecionadas para análise e conseqüentemente, para serem as fontes principais deste trabalho de conclusão de curso, foram os escritos de dois autores muçulmanos. Ibn Al-Athir, nascido em 1160 e falecido em 1233, foi um influente historiador árabe que escreveu a obra “The chronicle of Ibn al-Athir for the crusading period from al-Kamil fi’I-Ta’rikh”, dividida em três volumes. A crônica trata-se de uma espécie de “diário de bordo” do autor, dividido por ano, de suas viagens e passagens pelo território muçulmano, expondo todo tipo de evento que presenciava, como ataques militares, mudanças climáticas e desastres naturais e também o mais importante, casos de epidemia de peste e suas consecutivas mortes. Já o livro “The Rare and Excellent History of Saladin, or, Al-Nawādir Al-Sultaniyya Wa'l-Mahasin Al-Yusufiyya” do historiador curdo Baha Al-Din Ibn Shaddad, nascido em 1145 e falecimento em 1235, se parece também em sua estrutura com a outra crônica mencionada, de Ibn Al- Athir, mas se difere por tratar mais de questões políticas do governo de Saladin, com algumas poucas menções à peste.

Além disso, outras leituras que não crônicas muçulmanas foram realizadas para melhor compreensão do assunto. Entre essas, o livro “Mamluk ‘Askari 1250–1517 (Warrior Book 173)” de David Nicolle (2014) sobre os soldados mamelucos Askars, aos quais se atribui a derrota e a expulsão dos Cruzados, a interrupção da invasão mongol do Oriente Médio islâmico e o enfrentamento de Tamerlão. Uma outra leitura importante foi o artigo “Climate and Disease” de Peter Sarris (2020), que aborda surtos epidemiológicos de doenças na sociedade e suas relações com alterações climáticas. Sarris aborda sobre a chegada da peste pela primeira vez na Europa a partir da Ásia Central em algum período do Neolítico tardio, permanecendo em estado enzoótico apenas entre a população de roedores. O autor alega também que não há evidências em escala significativa da recorrência da doença na Europa e no Mundo Mediterrâneo até o ano de 541 d.C., quando atingiu o Egito e se espalhou pelos arredores, chegando a Constantinopla e atingindo o imperador Justiniano.

Retomando às obras de Ibn Al-Athir e Baha Al-Din Ibn Shaddad, a ocorrência de uma menção a algum dos pontos mencionados acima em suas obras (qualquer menção à peste bubônica, ou a outra coisa relacionada a doença, como fenômenos naturais que se relacionam

de alguma forma à doença) implicou na criação de uma ficha para catalogação do acontecimento. As fichas são divididas em dois tipos, fichas comuns que são as de catalogação de menções à peste; e fichas analíticas, tratam-se das fichas de catalogação a outras menções, como terremotos, períodos de fome, etc. Em relação à sua estrutura, elas possuem campos para preenchimento da data, do local, das coordenadas geográficas, do tipo de menção, a fonte onde foi encontrada, o trecho contendo a menção e a referência de página. Todas elas foram feitas na plataforma Google Planilhas e possuem uma formatação igual para todos os participantes do projeto de pesquisa em colaboração com a Universidade de São Paulo “Mediterrâneo1300 - Fome, Pandemia e Crise no final da Idade Média”, e suas respectivas fontes. O qual a autora deste trabalho de conclusão de curso, Isabella Godoy, faz parte.

Na ficha abaixo, Imagem 11, que se trata de uma ficha comum, podemos observar uma menção direta à peste:

CIA.1.IA.1	Fields	Observations
Date	1142 - 1143	
Place	Egypt	
Coordinates N/S	27° N	
Coordinates E/W	30° E	
Type	Disease	Plague
Source	The chronicle of Ibn al-Athir for the Crusading period fr	
Excerpt	"In Egypt this year there was a great plague, which caused the death of most of the population."	
Reference	Translated by D. S. Richards. Abingdon: Routledge. 2014 P. 367	
Excerpt's genealogv		

Imagem 11: Exemplo de ficha comum com menção de peste bubônica no ano de 1142 - 1143. Fonte: Elaborada pela autora.

Como observado, na ficha acima, Imagem 11, contém uma menção direta à peste bubônica, de um episódio que aconteceu no Egito entre os anos de 1142 - 1143. O trecho destacado alega que: “no Egito neste ano houve uma grande praga, que causou a morte da maior parte da população”.

Já na ficha a seguir, Imagem 12, uma ficha analítica, observamos um caso de fome:

CIA 1 IA 1	Fields	Observations
Date	1137 - 1138	
Place	Khurasan	
Coordinates N/S	34° N	
Coordinates E/W	56° E	
Type	Famine	
Source	The chronicle of Ibn al-Athir for the Crusading period f	
Excerpt	"In Khurasan there was a protracted and severe famine. It became so serious that people ate dogs and cats and other animals. Most of the population fled abroad because of hunger."	
Reference	P. 347	
Excerpt's genealogy		

Imagem 12: Exemplo de ficha analítica com menção a um período de fome no ano de 1137 - 1138. Fonte: Elaborada pela autora.

Nesse exemplo anterior, mostrado na Imagem 12, temos a menção de um episódio de fome na região de Khurasan entre os anos de 1137 - 1138. O trecho destacado aponta que: “em Khurasan houve uma fome prolongada e severa. Ela ficou tão séria que as pessoas comeram cachorros e outros animais. A maioria da população fugiu para o exterior por causa da fome”.

Nas obras foram encontradas também menções a outras doenças. As menções a essas doenças que não a peste foram registradas também nas fichas (analíticas) para registro e conhecimento de outras enfermidades nos territórios investigados.

Observe abaixo, na Imagem 13, uma menção à disenteria:

CIA 3 IA 7	Fields	Observations
Date	1226 - 1227 (624 of Hejira)	
Place	Damascus	
Coordinates N/S	33° 30' 36" N	
Coordinates E/W	36° 17' 28" E	
Type	Disease	Dysentery
Source	The chronicle of Ibn al-Athir for the Crusading period f	
Excerpt	"In this year al-Mu'azzam Tsā ibn al-Ādil died on Friday the last day of Dhū'lQa'da [= 12 November 1227]. ¹ He had been ill with dysentery. His rule in Damascus lasted from the time [472] of his father al-Ādil's death for ten years, five months and twenty-three days."	
Reference	P. 285	
Excerpt's genealogy		

Imagem 13: Exemplo de ficha analítica com menção à disenteria no ano de 1226 - 1227. Fonte: Elaborada pela autora.

Na ficha da Imagem 13 vemos uma menção à disenteria na região de Damasco entre os anos de 1226 - 1227. O trecho destacado atesta que: “nesse ano al-Mu’azzam Tse ibn al-Ādil morreu na sexta, no último dia de Dhū'lQa‘da (12 de novembro de 1227). Ele estava doente de disenteria. Seu governo em Damasco durou dez anos, desde a época da morte de seu pai Al-Ādil, cinco meses e vinte e três dias”.

Por último, é válido exemplificar também uma ficha contendo um desastre natural. Na ficha a seguir, Imagem 14, observamos uma menção a um terremoto:

CIA.3.IA.17	Fields	Observations
Date	1208 - 1209 (605 of Hegira)	
Place	Khurasan	
Coordinates N/S	36° 12' 47" N / 43° 7' 8" N	
Coordinates E/W	58° 47' 44" E / 67° 41' 44" N	
Type	Climatic Events	Earthquake
Source	The chronicle of Ibn al-Athir for the Crusading period from al-Kamil fi'I-Ta'rikh	
Excerpt	"This year there was a serious earthquake in Nishapur and Khurasan, the worst effects being in Nishapur. The citizens went out into open country for several days until it stopped and then they returned to their homes."	
Reference	P. 145	
Excerpt's genealogy		

Imagem 14: Exemplo de ficha analítica com menção a um terremoto no ano de 1208 - 1209. Fonte: Elaborada pela autora.

Nesta última ficha mostrada na Imagem 14, observamos uma menção a um terremoto na região de Nishapur e Khurasan, entre os anos de 1208 - 1209, que ocasionou no abandono das cidades pelos moradores. O trecho destacado alega que: “nesse ano houve um sério terremoto em Nishapur e Khurasan, sendo os piores efeitos em Nishapur. Os cidadãos saíram em campo aberto por vários dias até que ele parasse e depois voltaram para suas casas”.

Todas essas menções à peste, mudanças climáticas, etc citadas acima são decorrentes da leitura e catalogação destas informações relevantes ao projeto em colaboração com a USP e para este trabalho de conclusão de curso. Elas foram retiradas das obras de Ibn al-Athir, “The chronicle of Ibn al-Athir for the crusading period from al-Kamil fi'I-Ta'rikh”. Para finalizar a exposição das fichas, veremos agora uma ficha da obra “The Rare and Excellent History of Saladin, or, Al-Nawādir Al-Sultaniyya Wa'l-Mahasin Al-Yusufiyya”, de Baha Al-Din Ibn Shaddad.

Na ficha abaixo, Imagem 15, que se trata de uma ficha comum, podemos então observar uma menção direta à peste:

TJATC.2	Fields	Observations
Date	1146	
Place	Cologne	
Coordinates N/S	50° 56' 0" N	
Coordinates E/W	6° 57' 0" E	
Type	Disease	Plague
Source	The Jews and the Crusaders: The Hebrew Chronicles of the First and Second Crusades.	
Excerpt	When the Jews of the city heard of this, they grieved, their hearts went out, and they became fearful, and they said: "Behold the days of reckoning have come, the end has arrived, the plague has begun, our days are completed, for our end is here. We declare: "We have been cut off!" The people wept exceedingly for the precious soul that had perished and been cut off from the land of the living because of the transgressions of my people. The leaders of the community went and spoke to the burghers requesting the return of the saint's head and body. After receiving a bribe, the burghers returned the corpse, and the righteous man was brought to Jewish burial. May his soul rest in goodness, and his seed inherit the earth."	
Reference		
Excerpt's genealogy		

Imagem 15: Exemplo de ficha comum com menção a peste no ano de 1146 em Cologne (atual Colônia na Alemanha). Fonte: Elaborada pela autora.

Na ficha acima da Imagem 15, temos uma menção de peste na região de Colônia na Alemanha, no ano de 1146. Trata-se de uma lamentação dos judeus do local alegando que seus dias chegaram ao fim, após a peste ter chegado ao local. Na obra de Baha Al-Din Ibn

Shaddad não há muitas menções à doença e a nenhum outro fator a ser catalogado, como outras doenças como a disenteria observada na ficha da imagem 13 ou então um fator climático, como na ficha da imagem 14.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findada a análise e fichamento dos textos do referencial teórico e das obras de Ibn Al-Athir e Baha Al-Din Ibn Shaddad, algumas observações se fazem necessárias. Em primeiro lugar, podemos observar hoje que o patógeno causador da Peste de Justiniano é a bactéria *Yersinia pestis*. O estudo exposto acima “*Yersinia pestis* and the Plague of Justinian 541–543 AD: a genomic analysis” de David M. Wagner (2014), nos leva a concluir isso. A partir da análise de restos mortais de dois indivíduos enterrados no cemitério medieval de Aschheim-Bajuwarenring, foi observado rascunhos de genomas da bactéria nos dentes dos indivíduos. Ou seja, percebemos que a praga que matou o grande imperador Justiniano foi a peste bubônica e também, que ela foi uma emergência de cepas bacterianas independente e não foi preceptora das cepas dos surtos epidemiológicos seguintes.

Em segundo lugar, percebemos que o processo epidemiológico da segunda pandemia de peste bubônica, a peste negra medieval, teve seu início entre meados do século XII e XIII, indo em contrapartida à historiografia da peste que a coloca como sendo algo do século XIV. Podemos pontuar dessa forma pois no livro “New Evidence for the Dating and Impact of the Black Death in Asia” de Green e Hymes (2022), a autora nos expõe que os primeiros contatos do Império Mongol com o bacilo da bactéria foram entre os anos de 1216 e 1218, quando conquistaram o estado de Qara Khitai na Ásia Central. E a partir de suas movimentações de razões militares, acabaram levando o bacilo para outras regiões da Eurásia, como a China, Cáucaso, Sibéria e Mongólia. No caso chinês, Hymes (2022) aponta que a doença chegou no território já no ano de 1218, pelo ataque mongol à Dinastia Song (960 - 1279). Já no caso europeu, vimos que a bactéria chegou ao território muito provavelmente através do Mar Negro, por embarcações de suprimentos (grãos) contaminados com fezes do maior vetor da bactéria, os roedores. Certamente nesses carregamentos havia também ratos e outros roedores contaminados com a bactéria juntos, e não só suas fezes, o que ajudou em uma maior proliferação.

Também, é importante ressaltar mais uma vez que por mais que o Império Mongol tenha atuado ativamente na história da peste, ele não era vetor da *Y. pestis* como os roedores,

mas contribuíram fortemente para seu avanço epidemiológico por toda fragilização e vulnerabilidade que deixavam os locais que atacavam militarmente. Os cercos feitos pelo Império geravam nos territórios crises humanitárias de higiene, saúde e alimentação, resultando em territórios passíveis à contaminação e proliferação de bactérias diversas. Com isso, pôde-se também revogar a teoria da historiadora americana Hannah Baker (2021) de que a peste adentrou o mundo Mediterrâneo medieval através do cerco mongol em Caffa em 1347, uma vez que ela se fazia presente no território anteriormente a isso, como exposto acima.

Por fim podemos concluir, confirmando as falas de Green (2022), que por mais que a peste tenha se mostrado ativa na Ásia Ocidental ao longo dos anos 1200, o impacto foi relativamente mínimo. Na fichas demonstradas acima no capítulo “As obras de Ibn Al-Athir e Baha Al-Din Ibn Shaddad” temos algumas menções à peste anteriormente ao ano de 1200, como mostrado na imagem 11, com uma menção à peste entre os anos de 1142 - 1143 no Egito; ou então como na imagem 15 com uma menção à doença no ano de 1146 em Cologne. Com isso, vemos que a peste bubônica só passou a ter uma importância relativa quando adentrou à Europa, provavelmente em 1347.

REFERÊNCIAS

AL-ATHĪR, ‘Izz al-Dīn Ibn. The chronicle of Ibn al-Athir for the Crusading period from al-Kamil fi'l-Ta'rikh: part 3: the years 589–629/1193–1231: the Ayyubids after Saladin and the Mongol menace. 1. ed. Inglaterra: Routledge, 2008. 344 p.

AL-ATHĪR, ‘Izz al-Dīn Ibn. The chronicle of Ibn al-Athir for the Crusading period from al-Kamil fi'l-Ta'rikh: part 1: the years 491-541/1097-1146: the coming of the Franks and the Muslim response. 1. ed. Inglaterra: Routledge, 2006. 401 p.

BAVEL, Bas van et al. Disasters and history: the vulnerability and resilience of past societies. [S. l.]: Cambridge University Press, 2020. 231 p.

COOK, David. Baybars' Successors: Ibn Al-Furāt on Qalāwūn and Al-Ashraf. [S. l.]: Routledge, 2020. 294 p.

EIDELBERG, Shlomo. The Jews and the Crusaders: the Hebrew chronicles of the first and second crusades. 1. ed. [S. l.]: Ktav Pub & Distributors Inc, 1996. 186 p.

FANCY, Nahyan; GREEN, Monica H. Plague and the fall of Baghdad (1258). *Medical History*, Cambridge: Cambridge University Press, v. 65, p. 157-177, mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/mdh.2021.3>. Acesso em: 12 mar. 2025.

GOFF, Jacques Le. Dicionário temático do Ocidente Medieval. v. 1. [S. l.]: Imprensa Oficial, 2002. 1316 p.

GREEN, Monica H. The four black deaths. *The American Historical Review*, [S. l.], v. 125, p. 1601–1631, dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ahr/rhaa511>. Acesso em: 12 mar. 2025.

HARPER, Kyle. The first plague pandemic in Italy: the written evidence. *The journal of the Medieval Academy of America, Speculum*, v. 98, n. 2, p. 1-52, abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/723937>. Acesso em: 12 mar. 2025.

HYMES, Robert; GREEN, Monica H. New evidence for the dating and impact of the Black Death in Asia. *The Medieval Globe*, Amsterdam: Amsterdam University Press, v. 8.1, p. 1-89, abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/9781802701128>. Acesso em: 12 mar. 2025.

NICOLLE, David. *Mamluk 'Askari 1250-1517*. Great Britain: Osprey Publishing (UK), 2014. 64 p.

PRIBYL, Kathleen. *Farming, famine and plague: the impact of climate in late medieval England*. 1. ed. [S. l.]: Springer Cham, 2017. 307 p.

SARRIS, Peter. Climate and disease. In: AMSTERDAM UNIVERSITY. *A companion to the global early Middle Ages*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2020. Cap. 18, p. 511-538.

SHADDĀD, Bahā' al-Dīn Ibn. *The rare and excellent history of Saladin: or al-Nawadir al-Sultaniyya wa'l-Mahasin al-Yusufiyya*. 1. ed. Inglaterra: Routledge, 2002. 280 p.

SILVA, Marcelo Cândido da. *História Medieval*. São Paulo: Contexto, 2019. 158 p.

SILVA, Marcelo Cândido da. Uma história global antes da globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. *Revista de História USP*, São Paulo, n. 179, p. 1-19, mar. 2025.

WAGNER, D. M. et al. *Yersinia pestis and the plague of Justinian 541-543 AD: a genomic analysis*. *Lancet Infectious Diseases*, [S. l.], v. 14, n. 4, p. 319-326, 2014. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S1473-3099\(13\)70323-2](https://doi.org/10.1016/S1473-3099(13)70323-2). Acesso em: 12 mar. 2025.

WEILL-PAROT, Nicolas. *La rationalité médicale à l'épreuve de la peste: médecine, astrologie et magie (1348-1500)*. *Médiévales*, [S. l.], n. 46, p. 1-15, primavera 2004. Publicado em: 2 mar. 2006. Disponível em: <http://medievaux.revues.org/884>. Acesso em: 24 out. 2012.

WOLFF, Philippe. Outono da Idade Média ou primavera dos tempos modernos? [S. l.]: Genérico, 1988. 282 p.